

SEGUNDA PELE

CAROLINE CASTLE HICKS

Meu velho par favorito de jeans nunca mais caberá em mim.

Finalmente aceitei esta verdade imutável. Depois de ter tido dois filhos a quem amamentei, meu corpo sofreu uma metamorfose.

Posso ter voltado ao meu peso de antes, mas mudanças sutis e expansões aconteceram - minha própria versão de um deslocamento continental. Quando adolescente, nunca entendi a diferença entre tamanhos de criança e de moças. As roupas de moças pareciam de gente velha. Agora é tão claro que cinturas de vespa e bumbuns minúsculos são armadilhas fugazes da juventude. Mas está tudo bem porque, enquanto os velhos jeans não fecham mais, a vida que troquei por eles me cabe melhor que tudo.

Para mim, é uma época da vida de pés descalços, shorts e camiseta. Rapidamente me ambientei à maternidade em idade jovem. É o melhor papel que já representei. Nada de costuras apertadas, zíperes atrapalhando. Apenas um sentimento de que saí do quarto de vestir com algo que finalmente me cai bem. Adoro sentir o bebê no meu colo: sua cabecinha cabe direitinho debaixo do meu queixo, as mãozinhas se espalhando como pequenas estrelas-do-mar cor-de-rosa nos meus braços.

Adoro o jeito com que minha filha de oito anos anda ao nosso lado enquanto atravessamos o estacionamento ensolarado do mercado. Nos lindos dias de primavera a brisa levanta seu delicado rabo-de-cavalo e rimos ao ver como o sol faz o bebê fungar e apertar os olhinhos. Quero sempre estar com eles, como uma costureira diante de duas medidas de seda perfeita, imaginando o que fazer com elas, embora hesitante em alterá-las, com medo de perder o peso de sua inteireza.

Nas poucas manhãs em que acordo antes deles, entro em seus quartos e os olhos enquanto dormem, os rostos amarrotados e rosados. Finalmente se contorcem e se espreguiçam, prontos para um abraço. Eu os pego em meus braços, enterro meu rosto neles e respiro fundo. São como toalhas que acabei de tirar da secadora, macios e quentinhos.

Às vezes eu sigo as vozes das meninas no quarto da minha filha, onde ela e as amigas brincam, todas arrumadas, entaladas até o joelho num chiffon de bazar caseiro, experimentando a vida através das roupas. Exageradas e envaidecidas diante do espelho, se enfeitam com contas baratas e colocam tiaras de lantejoulas e papelão. Vejo essas meninas com seus cabelos lisos e brilhantes que elásticos e fivelas não conseguem domar. Estão sempre ajeitando fios rebeldes atrás das orelhas e, nesse gesto adulto, vejo lampejos das mulheres em que se transformarão.

Sei que muito em breve essas nuvens de organdi e renda ficarão para sempre em caixas amassadas, as que agora servem de baús de tesouros e tronos de princesas. Vão se tornar trajes inúteis da meninice de minha filha que serão devolvidos para mim.

Por ora, entretanto, meus filhos se aninham comigo no sofá à noite, muitas vezes adormecendo, braços e pernas bambos e macios contra o meu corpo, como as dobras de uma camisola bem usada. Por ora ainda enfeitamos uns aos outros, e eles ficam felizes em serem vestidos pelo meu abraço. Sei que vão existir situações que serão como usar suéteres de lã malfeitos e salto de um centímetro. Temos de, juntos, experimentar novos modelos, puxando e amassando, mas tentando deixar o tecido básico intacto. Nesse ponto, teremos tecido uma complicada tapeçaria de padrão peculiar, com seus fios puxados, esgarçada e rasgada.

Mas não vou me esquecer desta época, das cabeças sonolentas no meu ombro, de pijamas com pezinhos e vestidos iguais para mãe e filha, de mãozinhas agarradas na minha mão. Esta época me cai bem. Tenho planos de usá-la da melhor maneira possível.

Vejo a educação de uma criança não só como um trabalho de amor e um dever, mas como uma profissão tão interessante, desafiadora e honrosa como qualquer outra no mundo e aquela que exigiu de mim o melhor que eu podia dar.

ROSE KENNEDY